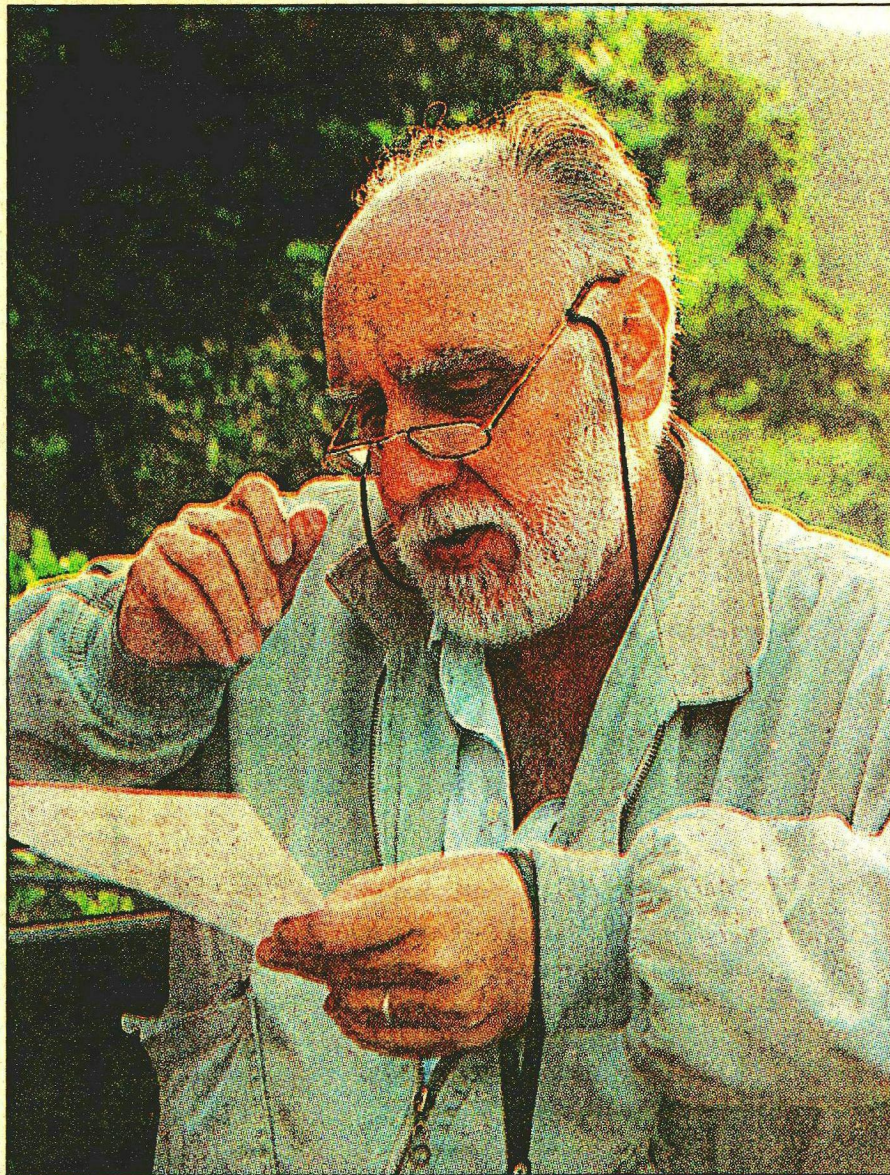


Automedicação e consultas no corredor

Marcelo Theobald



Para Luis Tenório, o maior problema é o acúmulo de vários empregos

Médicos vão pouco ao médico. A automedicação e a opção pessoal de não fazer exames rotineiros é comum nesse meio. Essa situação se reflete no resultado da pesquisa feita pela Med-Rio, na qual, dos 600 médicos cariocas entrevistados, 62,5% têm o peso acima do ideal, e 12,5% revelaram estar com alguma doença. A pesquisa feita no Hospital Pedro Ernesto, com 200 médicos, mostrou que 52% apresentavam distúrbios cardiovasculares. “Normalmente, as pessoas com problemas cardíacos têm enfarte após os 45 anos. Já os médicos enfartam entre os 35 e 40 anos”, afirmou Luis Roberto Tenório, um dos coordenadores da pesquisa do Hospital Pedro Ernesto.

“A obesidade, que foi um dado alarmante na nossa pesquisa, gera problemas cardiovasculares, e a situação fica pior com o fato dos médicos terem uma grande dificuldade em se consultar”, comentou Eduardo Duarte, um dos coordenadores da pesquisa da Med-Rio.

Uma realidade comum apontada por médicos são as consultas de corredor, onde um colega pede a opinião do outro enquanto atravessa os corredores dos hospitais. “Ainda quando era estudante eu sofria muito com enxaquecas e me tratei por conta própria”, lembrou Marcelo Gomes, da clínica São Vicente. Mas segundo Marcelo, a automedicação, mesmo entre os médicos, é perigosa. “Não somos especialistas em tudo”, afirmou. A automedicação também é feita para agüentar os plantões noturnos após um dia inteiro de trabalho. Segundo Luis Roberto Tenório,

presidente do Sindicato dos Médicos, usar o rebite – remédio à base de anfetamina – é comum. “O pior é que quando acaba o plantão, os que tomaram estimulantes ingerem também tranquilizantes para conseguir dormir. E quem age assim tem a perfeita consciência da agressão que está fazendo ao organismo”, comentou. Segundo o cardiologista Carlos Scherr, o ideal é que, ao se consultar, o médico não diga sua profissão.

“O médicos, quando pede opinião sobre sua saúde a um colega, já chega dizendo o que ele próprio acha e camufla alguns sintomas, isso dificulta um diagnóstico mais preciso”, contou Marcelo Gomes. Para Marcelo, também ocorrem casos em que os médicos são mal atendidos. “Atender um colega é visto como uma responsabilidade em dobro, o que pode adiar o pedido de um exame mais rigoroso ou até mesmo a indicação de cirurgias”, afirmou.

O alergista Pedro Fontinelli contou que é comum colegas ligarem pedindo diagnóstico pelo telefone, sem querer ir ao consultório. “É uma situação complicada, já que não posso deixar de dar a minha opinião, mesmo que ela seja vaga e imprecisa”, afirma.

O ambiente hospitalar também não colabora para a saúde dos profissionais. De acordo com a pesquisa realizada no Hospital Pedro Ernesto, existem cerca de 220 substâncias químicas usadas nos hospitais que atingem a saúde dos profissionais. “Os agentes biológicos tóxicos entram no organismo do médico sem que ele note”, explicou Tenório.